

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Dezembro--1928

FIX
OSTOES
Sr. Freixo
Lito Ca

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **135**

fixe

semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

A' PORTA DO "LISBOA & AÇORES"



O domador, incitando as feras:--Vá, atrem-se a eles! "Não fazem ninho os milhafres nas cavernas dos leões!"



Os ditos da semana



Um tipo único

Regressamos mais uma vez a um tipo unico de pão. Mas que tipos! Que tipos unicos! De tempos a tempos, descobre-se que o pão não presta, mas todos o comem, em virtude daquela velha máxima que diz: Todo o povo come pão, a questão é saber-lh'o dar.

Daqui por algum tempo regressaremos de novo aos diversos tipos. Voltará a carcaça e voltará o papo-seco muito bem embrulhado, todo a fazer-se de manto de seda quando a gente o vae comer, como se não fosse já sabido e velho que os papos-secos, não são para outra coisa, senão para a gente os comer com *cache-col* e tudo.

Isto ao menos tem uma vantagem: a variedade. Hoje papossecos, amanhã carcaças e pães de legua e meia, daqueles que chegam para uma familia inteira, para o gato, para o cão, para o papagaio e ainda para algum pobre que bata á porta á hora de comidas e bebidas, como dizem as mulheres de virtude.

As novas guerras

A Bolívia e o Paraguay pegaram-se á unha, mesmo nas barbas de Kellog e da Sociedade das Nações.

Nisto de guerras — temos a experiencia de 1914 — o mais é começar.

As guerras são como as cerejas, como os incendios e como os tremores de terra — vêm uns atraz das outras. O ceu diplomatico apresenta-se enevoadado. Por agora temos dois paizes em guerra, mas atraz de tempo, tempo vem. No proximo dia 24 declara-se em todo o mundo guerra ao Perú.

Costureiras de cuecas

O *Diario de Noticias* publicava ha dias o seguinte anuncio:

Costureiras

Precisam-se de cuecas com cordões.

Costureiras de cuecas? Mas que tem o anunciante com as cuecas de cada uma, até o ponto de exigir que elas sejam com cordões? Que influencia poderá ter na obra, o facto de a costureira uzar ou não uzar determinada especie de cuecas.

A exigência afigura-se-nos

excessiva e difficil de controlar.

Antigamente, quem precisava de uma costureira, exigia que ela fosse de boas mãos e isso era logico, mas que fosse de boas cuecas é que não passava sequer pela cabeça do anunciante.

Se a moda pega, estranhas coisas havemos de vêr na secção de anuncios dos grandes jornaes.

Até onde irá a fantasia?

Figuremos algumas hipoteses:

Dum alfaiate:

Costureiras de calças

Precisam-se que apartem o cabelo para o lado direito.

Dum advogado:

Dactilograta

Precisa-se que tenha um sinal castanho atraz da orelha.

Dum comerciante:

Marçano

Precisa-se de ceroulas com atilhos de risquinhas cor de rosa.

Duma senhora beata:

Creado

Precisa-se de cuecas mas sem cordões.

E, para amostra, já basta.

TUDO CAE



— Afinal dizem que caem as folhas no Outono, mas também caem as malhas das minhas meias.

Uma assembleia geral

No «Lisboa e Açores» tem havido mosquitos por cordas.

Cá fóra, na rua, a policia vigia o banco como se o banco fosse uma poltrona de ouro maciço, ou o banco dos reus, hipotese que não se verifica.

Chega a causar impressão que, por causa dum banco se movimente tanta policia.

A questão é simples: pretende-se alterar os estatutos. Quem tiver cinco acções, boas ou más, tem direito a um voto, mas quem tiver uma cabazada delas, tem o mesmo voto.

A roda disto, tem estado prestes a acabar-se o mundo. Se aquilo continuar o dr. Manoel Duarte esgota o seu *stock* de anedoctas, e José Parreira — campeão das assembleias geraes — fica áfono de tanto argumentar. O governo até devia intervir, porque de contrario, teremos José Parreira, sem voz, falando apenas por mimica, sem poder gritar, alto e bom som como é seu costume:

— Peço a palavra.

E se isto acontecesse, o que seria das futuras assembleias geraes, sem José Parreira? Uma coisa sonolenta, morta, sem graça e sem calor, como uma sessão da Academia das Sciencias.

Ha dias o dr. Manuel Duarte contou uma anedocta do falecido José Dias Ferreira. Foi o bastante para que José Parreira, lhe saltasse em cima rectificando-a. Para não lhe ficar atraz, o dr. Manuel Duarte rectificou-a tambem, atribuindo ao brilhante espirito de Dias Ferreira a seguinte sentença:

— Não coloques o teu dinheiro em sitios onde tenhas de pedir a palavra.

O mais curioso, porém, é que nem um nem outro tinham razão.

Apezar de ambos serem muito contemporaneos de Dias Ferreira, o que nos não acontece a nós, os dois antagonistas do Lisboa e Açores não conhecem a judiciosa fraze de José Dias:

— Não coloques o teu dinheiro em sitios onde tenham de pedir a palavra os srs. José Parreira e Manuel Duarte.

Assim é que está certo, porque José Dias Ferreira, que conhecia muito bem os bancos, conhecia ainda melhor os homens.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

FALTAM ensaiadores!
E' o grito que se houve no meio do publico que assiste ás *premières*. As peças são representadas sem coman- do. Cada artista faz o que quer... e o que acha melhor!... Não ha afinação de vozes... não ha harmonia!
Dissemos uma vez, a um dos pou-



PEDRO BANDEIRA

porta-bandeira do fino monologo

cos ensaiadores que tem o nosso tea- tro de comedia:

— Mas, mestre, não ha quem saiba ensaiar...

— Não diga isso. Tenho aqui na al- gibeira uma lista que não acaba mais...

E mostrou-nos. Dum lado, mulhe- res; doutro lado, homens. Eram cerca de 30! 30 artistas que já tinham en- saiado e marcado peças! 30 artistas que já tiveram o seu nome no car- taz como ensaiadores!

Repliquei que aquilo era verdade, mas que poucos sabiam o que tinham feito! Repliquou o mestre:

— Olhe, meu caro, tenho tido uma vida de trabalho insano. Tenho en- saiado centenas de peças e creia que necessito ainda de ler, de estudar mu- lto. Isto de ensaiar é difficil, é muito difficil... Já ouvi dizer a «colegas» que marcam um acto numa noite! Nunca trabalhei tão depressa... mas, «eles» que o dizem, lá sabem o que fazem...

— Mestre, o mal é que justamente «esses» não sabem o que fazem.

— Sabem... Estragam o teatro!

UM artista necessita de se rodear de amigos, de admiradores...

Então, quando o artista é empreza- rio, ainda mais! Quando o artista-em- prezario se isola, ou o isolam, está perdido, e perdida está a companhia!

O artista pertence ao publico em primeiro lugar e aos amigos depois. Precisa crear ambiente!

Infelizmente, ha quem não queira vêr as coisas como elas são e daí ha- ver, por vezes, semsaborias!

Ha dias, em determinado teatro e em determinada *première*, o drama- turgo V. de M. A. e o revisteiro e ho- mem de teatro L. F. quizeram entrar em determinado palco. Não lhes foi concedido. O porteiro da *caixa* tinha ordem para não deixar entrar quem quer que fôsse.

E' inacreditavel, mas é assim mes- mo!

NESTE mundo succede cada uma! Ha creaturas com muita sorte!... Ora leiam esta noticia que os jornais trouxeram:

«Os autores da peça alemã de que foi adaptada a comedia «O Domador de Sogras» escreveram a F. B., J. B. e H. N., pedindo-lhes uma tradução do seu trabalho em alemão, trabalho

de que vai encarregar-se este ultimo escritor.»

Quando a tradução chegar a Ber- lim, o autor deve conseguir a sua re- presentação, e aí temos nós o F. B., o J. B. e o H. N. a receberem como autores e o autor nem sequer recebe- rá como tradutor... pois que nem isso fez!... O H. N. é que é o tradutor e autor!...

Pobre alemão... que continua a per- der a guerra... apesar de ser o autor da obra... da obra primitiva!

A comedia chega lá... depois da *cambalhota*... com personagens a mais! O autor nem a vai conhecer... depois da viagem a Lisboa!

Ha cada uma... que até parece in- ventada!...

FOI retirada ao terceiro dia de sca- na, para entrar novamente em en- saios, a peça *Escritor á força*. A *pre- mière*, segundo ouvimos dizer, deve realizar-se nos primeiros dias de Ja- neiro.

A VEDETTE E. S.—diz-se nos meios teatraes—adquiriu uma boa habita- ção e mobilou-a com grande luxo.

Alguem comentou o acontecimento com a seguinte frase:

— A E. S. já tem casa nova...

O R. M.—na sua ultima criação— até apertou a mão a uma senhora com luva calçada!... Usar-se-hia assim, em Paris, em Paris de 1900? E' provavel. Deve ter sido moda e deli- cadeza desse tempo—do tempo de



ARNALDO LEITE

o conhecido garoto Carvalho da Ribeira Barbosa

«Lavallière» e da barba á Jaime Cortezão!

Hoje... é outra loiça!

Os que escrevem não necessitam de cabeleira, nem de barbas! Escreve-se com as mãos e pensa-se com o cere- bro! Não é necessario andar fardado de escritor!

Quererá o R. M. escritores-farda- dos... como existe por essa Lisboa o cauteleiro-fardado?

DESTACAMOS dum artigo sobre «Scenas de teatro», ha pouco publi- cado num jornal, esta passagem:

«Atrás do pano de boca de um tea- tro passam-se scenas tão interessan- tes, desenrolam-se episodios tão pi- torescos, que o publico, se lhe fôsse permitido assistir, pagaria com ge-

nerosidade o seu lugar e por muito satisfeito se daria se lhe permitissem fazer a digestão observando os diver- sos tipos que atravessam os palcos, ouvindo as suas conversas ou pers- crutando a maré alta de intrigas que cada um tece para levar a agua ao seu moinho.»

O autor do artigo deve conhecer al- guns desses tipos... E' até provavel que tenha sido um deles! Naturalmen- te, no tempo dele—porque ele é já antigo—os palcos eram outra coisa... muito pior! Haja em vista o que nos disse, uma noite, uma alta individua- lidade num palco:

— Que massada... Estas actrizes são agora todas casadas... ou amigas- das com actores!... No meu tempo tudo isto era nosso!

A IDADE das actrizes...

Sabe-se lá! Cada uma tem a que quer... e nunca tem a que aparenta! Assistimos ha dias, num palco, du- rante o intervalo dum ensaio, a uma conversa curiosa. A primeira actriz disse o seguinte, sobre a idade das colegas:

— A L. S. tem 53. A P. B. tem 56. A B. B. tem 39. A A. R. C. tem 36. A A. de O. tem 48. A I. S. tem, pelo menos, 46, e a *vedette* E. S. deve ter feito 50!

— Isso não pode ser—disse um actor.—Aí andam anos a mais... Eu, por mim, dou á L. S. 48, á P. B. 52, á B. B. 35, á A. R. C. 31, á A. de O. 37, á I. S. 34 e á *vedette* 36!

Feitas as contas por um actor-ra- bulista, que atento ouvia a conversa, dava a seguinte differença:

A actriz dizia que a idade de todas juntas somava 330 anos e a que dava



ALVARO PEREIRA

ou a influencia da trótha na educação da mulher

o actor somava 273! Quer dizer que o actor comia 57 anos!... As mulhe- res são sempre muito mais más umas para as outras!

MORREU ao terceiro dia, em vez de subir ao céu! Ressurgiu dos mor- tos... não... fugiu dos vivos!... Nem enterro teve!... A companhia que a assassinou é que ha de ter um gran- de enterro!...

E' DOLOROSO vêr determinados cartazes de determinado teatro...

Aparece-nos a primeira actriz por- tuguesa de bigode e cabelo desgre- nhado...

Suprema vergonha!

E lembrar-se a gente de que foi

esta grande artista a interprete das saudosas peças com que os nossos pais choravam nas plateias...
Suprema vergonha!

VAI realizar-se o milagre na terra



RAUL CAMPOS

campanario nos campos da scenografia

de cantigas! Voltaram as rosas... e com elas a Rainha Santa! O J. C., quando se vê aflito, chama pelos san- tos!

A crença de cada um, é conforme as aflições que encontra na vida!

ESTÁ a chegar o C. P.! Projectos e projectos! Até se trans- forma um cinema em teatro!... Preguntava-se numa mesa de café: — O C. cabe no palco do O.? E o O. tem tamanho para o C.?

FAZ realmente pena que actrizes como a P. B. estejam fóra de Lisboa em pleno inverno! O seu lugar é aqui e não lhe seria difficil conseguir colocação em qualquer companhia! Não se explica esta ausencia nem se explica a presença de determina- das *troupes* que ocupam os teatros da capital!

APROXIMA-SE o carnaval! E' o salvaterio dos emprezarios. Al- guns sonham com ele... e visionam-se milionarios! O pior é o que está para trás!

Na quarta-feira de cinzas—apesar de tudo—vão morrer muitas compa- nhias! *Laus Deo!*

O Homem das 6 horas



— Convence-te, meu caro, era um anémico como tu. Devo a minha saú- de e boa disposição ao TODDY que tomo todos os dias.

SUNRIPE



Uma hespanholada

Durante a ultima guerra de Marrocos, na qual os espanhóis se bateram derodadamente contra os mouros, sucedeu que, um dia, a primeira linha espanhola se encontrava pouco numerosa e apetrechada, numa posição estrategica que os mouros necessitavam transpôr, e para o conseguirem atacaram-na furiosamente, tendo os espanhóis resistido heroicamente, apesar de tudo. No dia seguinte, os mouros novamente a atacaram, mas, desta vez, os espanhóis prevenidos, achavam-se muito melhor fortificados e em numero muito maior, de maneira que os mouros foram forçados a fugir, quasi desbaratados.

A'côrca destes dois combates, falava num grupo de officiaes o comandante da posição que duas vezes repelira os mouros, velho gabarola muito pouco conscio do seu valor, que ufano dizia cheio de prosapia:

— Nenhum exercito do mundo conseguiria passar, vencendo o meu...

Curioso, um alferes imberbe sentenciou:

— A infantaria francesa passaria, com uma das suas celebres cargas á baioneta.

— Não senhor, não era capaz! — respondeu, quasi colerico, o comandante.

— Uma divisão francesa com certeza que passava — dizia outro alferes.

— Nenhum exercito seria capaz de passar. Só se não fosse eu o comandante da posição.

— *Y se fuera Dios?* — perguntou um tenente com um sorriso ironico, julgando desconcertar o gabarola.

O comandante pestanejou, engulliu em seco duas vezes e, pausadamente, num tom conciliador, concluiu:

— *Eso, si hombre, pero le costaria un poco!*...

ALEGROS

O ministro bem merecia encomios enternecidos e até eu mesmo os faria se não fosse essa mania de deixar todos... *adidos!*

Ele acabou com os bôdos de empregos apetecidos que aí se davam, a rôdos; reduziu os quadros todos e a quantos deixou... *adidos!*

Adir!... e o seu fracasso e os mortos persegue até: sem medo nem embaraço, foi ao Terreiro do Paço meter-se com o D. José.

Tambem já foi reduzido todo aquele imenso adro e o D. José, combalido, ao reduzirem-lhe o quadro, disse logo: — *estou adido!*...

João Triste.



— Mãe, quer que eu vá á rua deitar essa carta no correio?
— Estás doido? Chove a cantaros e nem um cão pode andar na rua. Deixa que vai lá o teu pai.

FUME SUNRIPE

As grandes reportagens

Amôr fatal

Joaquim Sepulveda era um pobre diabo, inculto em extremo mas amoroso em demasia, não obstante poucas vezes obter o respectivo trôco. Aos quinze anos abandonou o lar paterno para se dedicar á vida comercial. Começou por vender suspensórios para elefantes e peugas para tubarões e acabou por se estabelecer no Largo da Graça com o negocio de cereais e outros generos falsificados.

Euriqueceu-se e transformou-se em D. Juan de Ourelo e em literato de trazer por casa. Ha um ano, aproximadamente, encontrou uma linda mulher, senhora de raras virtudes e tambem com uma rara qualidade: viuva! Vê-la e amá-la foi coisa de um segundo, embora não fosse a primeira paixão. Seguiu-a numa tarde encantadora.

Disse-lhe quatro barbaridades a fingirem de madrigals e enviou-lhe uma carta, cuja prosa autentica transcrevo, sem alterar uma virgula:

«Ex.^{ma} Sr.^a: — Peço desculpa de me derejir a V. Ex.^a para lhe diser a paixão que cinto á muito tempo por V. Ex.^a, pois sei que é viuva á três anos, não sei se lhe diserão que fui ahí a sua casa, uma hospeda que V. Ex.^a teve. V. Ex.^a não me conhesse, mas eu conhesoa muito bem, tenho muito boas informações de V. Ex.^a, muito boa dona de casa, sei que V. Ex.^a vai todos os dias para casa de familia, que o seu Esposo não lhe deixou bens ou melos para V. Ex.^a viver, então não era milhbr casar comigo creia que haviamos ser muito felises eu sou estabelesido na Graça, e vivo com minha mãe em Alcantara eu ás veses cria falar lhe mas vejo que V. Ex.^a anda acompanhada com uma senhora que não sei se é sua mana, por isso não me tenho dereji-

do, se V. Ex.^a não me der atenção, senão for a bem vai a mal, mas espero de ser atendido creia que me considero o homem mais feliz da minha vida, pois com outro não hade casar.

Peço desculpa de assim me expressar mas o estado de hisitação assim me obriga. Se chigarmos a rialisar o nosso casamento vouhe fazer um pedido é para não curtar mais o cabelo, quando a senhora ia na Graça mandei um rapazinho segulla para lhe entregar esta carta, mas ele disse que V. Ex.^a apresou o paço e que a vio entrar para a rua... n.^o... 1.^o.

Como na sua casa nunca está ninguém pençe bem na sinceridade das minhas palavras e peça conselhos a sua familia, não lhe digo que loja é o meu Estabelecimento sem falar com V. Ex.^a

Agora não parece a mesma esta muito gorda, bem sei que pelo mutivo da duensa de seu marido estava muito magra, não parsia a mesma senhora esta muito engraçada, heide ver se a encontro sozinha para assim lhe puder diser a paixão que sinto por V. Ex.^a. Pois as minhas edelas são casar-mos daíqui a dois meses. Deste que muito a amá. — J. — Desculpe a letra ir tão mal feita devido o nervoso nunca tive boa letra. Espero que a sua resposta que seja animada houver a expressão das suas palavras.»

A resposta não veio e o infeliz do Joaquim Sepulveda, que era um pobre diabo inculto em extremo mas amoroso em demasia, sem coragem para recorrer ao suicidio, trespassou a loja e arranjou um bilhete de entrada gratis para o Hospital de Rihafoles!

Rocix.

O desarmamento naval



Riso amarelo

Os nossos amigos espanhóis continuam convencidos de que nós, os portugueses, somos exagerados e palavrosos, e crearam a «portuguezada», tal como nós a «hespanholada».

Conhecedores de ambos os povos afirmam que são os espanhóis os exagerados por excellencia. Mas eles não se reconhecem assim e comprometem-se, começando por exagerarem o conceito que tem dos nossos exageros. Seja como for, o caso é que se confirma a permanente verdade de nos não conhecermos mutuamente.

Num dos ultimos numeros de «Informaciones» vem a seguinte anedota, seguramente apenas anedota:

«Um português contava a um andaluz os extremos de doloroso sentimento que um rei de Portugal teve pela morte da infantia, sua filha.

Extraordinarias coisas contava o português; mas o andaluz, em vez de se maravilhar, repetia:

— E não fez mais nada?

Aborrecido o português de que o andaluz se não maravilhasse, ponderava cada vez mais as manifestações de luto de Sua Magestade Fidelissima. O andaluz, não obstante, permanecia indiferente e não se cançava de repetir:

— E não fez mais nada?

O português, então, perdida a paciencia, disse:

— Fez mais ainda, fez; mandou que em todo o reino ninguém acreditasse em Deus durante três anos, para que Deus, nos tempos vindouros, saiba como se tem de conduzir para com o rei de Portugal!

A anedota, que não tem graça, é da serie das dos pretendidos exageros portugueses, das «portuguezadas», como aquela outra do general português que, frente a Badajoz, com cem soldados de cavalaria, convidava a cidade espanhola a render-se com a ameaça das suas quatrocentas patas de cavalo e dois mil dedos de soldado...

E a esta soma-se a do nosso poderoso cruzador «Terror dos Mares», tão poderoso e terrível que para ele fundear não chegava a baía de Vigo. Emfim, perdoemos estas graças aos amigos espanhóis pelas outras que nós lhe atribuímos como «hespanholadas», allás mais justificadas, seja dito em abono da verdade...

Mascara dos Dentes d'Ouro

A paz armada e o fiasco da S. D. N.

Que celeuma que lá vai,
Que cupidez, que lascivia!
Uns que viva o Paraguay,
Outros que viva a Bolivia;
Este morre, estr'outro cai,
A guerra é torva lexivia
Que intensos males atral...
A Paz, a madona nivea,
De morte ferida sai
E uns a favor da Bolivia
E os outros do Paraguay!
Bem diz minha prima Olivia,
Que em talento sai ao pai:
— Quem pense na paz cultive-a
Que de encantos á guerra vai
E viva a grande Bolivia
E o valente Paraguay!



— Porque choras, meu filho?
— Não foi nada. E' que acabo de ter uma pequena diferença de criterio com tua esposa.

BOM HUMOR

Aparelhos modernos:
O caixeiro:— Aqui tem um aparelho de radio-telefonía de seis lampadas.
O comprador, que é da provincia:— E para que preciso eu das lampadas, se na minha terra só nos utilizamos da luz das velas?...

* * *

A' porta do n.º 13:
Voz da janela:— Não tem chave?
Voz de bêbedo:— Tenho... sim... o que... não... tenho é a fechadura...

* * *

Ela:— Não me comprehendes bem. A mentira é uma das minhas debilidades...
Ela:— Como é uma debilidade, se é o teu forte!

* * *

O caixeiro:— Senhor João, sua mulher acaba de cair dentro da pipa.
O patrão:— Meu Deus, estragou-me o vinho...

* * *

— Este cão é bom guarda de noite?
— Magnifico. Quando sentir algum ruido suspeito, acorde-o e verá como ladra...

* * *

Entre leões:
— Olha que belo exemplar de caçador. Dava-nos um bom jantar!
— Não! O melhor é deixá-lo para a nossa colecção de feras amestradas...

* * *

Lição pratica:
O pai:— A sopa é a terra, o caldo o mar. Sabes agora o que é uma ilha?
O filho:— Sim, papá. E' um prato de sopa...

* * *

A patroa:— Sempre que entro na cozinha, vejo-a sem fazer nada.
A criada:— A culpa não é minha!
— Naturalmente é minha...
— E' dos seus sapatos. Como teem sola de borracha...

* * *

Entre novos ricos:
— Está encantado com o seu chalet?
— Muittissimo. Sobretudo porque os quatro lados do predio ficam para o norte...

Um trabalhador

(No escritório de Celestino M., grande industrial. Celestino está assinando o correio. Entra Alvaro:— nariz enrubescido, olhos vagos, barba e cabelo emaranhados, farto e botas rotas).

Alvaro:— Bom dia, Celestino.
Celestino (pousando a caneta):— Olha lá! Ea recebe-te porque não tenho a coragem de fechar a porta a um velho camarada de liceu. Mas tenho muito que fazer. O que é que queres?

Alvaro:— E' um pouco delicado o explicar...

Celestino:— Vamos! Diz depressa!

Alvaro:— Se me trataes mal...
Celestino:— Não te trato mal. Mas quero abreviar essas intermináveis historias que me contas, cada vez que cá vens.

Alvaro (devagar):— Pois bem!... Celestino... O país atravessa uma crise... e eu também...

Celestino:— Em resumo: queres dinheiro.

Alvaro (num suspiro):— Sim.

Celestino:— Mais uma vez...

Alvaro (vezado):— Eu não posso depositá-lo...

Celestino:— Tu estás abusando. Antigamente, era uma vez por outra. Agora é todas as semanas. Não tens vergonha de viver de esmolas?

Alvaro:— Não as pediria se tivesse rendimentos...

Celestino:— Para isso era preciso tê-lo ganho. E tu nunca foste trabalhador!

Alvaro (indignado):— Nunca fui trabalhador? Eu? Ora essa! Tenho experimentado todas as profissões!

Celestino:— Era melhor experimentar só uma... e conservá-la.

Alvaro:— A fatalidade é contra mim!

Celestino:— Ou a preguiça...

Alvaro:— E's injusto! Garanto-te que se encontrasse uma pequena situação...

Celestino:— Pois bem! Não se dirá que não procurei tirar-te do atoleiro. Ofereço-te uma situação, na minha casa.

Alvaro (inquieto):— E o meu trabalho... não é muito difficil?

Celestino:— Não.

Alvaro:— Nem muito fatigante?

Celestino:— Não. Trata-se apenas de apontar a entrada dos operarios. O encarregado desse serviço é pouco zeloso. Vou despedi-lo e tu entras para o lugar dele. Eu dou-lhe dez mil réis por dia. Mas a ti, para te animar, dar-te-hei vinte...

Alvaro (sem entusiasmo):— Obrigado.

Celestino:— Devo dizer-te que tens de entrar de manhã, ás sete horas. E' muito cedo?

Alvaro (com nobreza):— Estás a brincar! Levantar-me-hia antes da aurora, se fôsse necessario.

Celestino:— Fica então combinado. Mandar-te-hei chamar ainda esta semana.

Alvaro:— Entendido! (Sai lentamente. Na porta, pára. E volta para traz.) Celestino!

Celestino:— O que ha?

Alvaro:— Olha... reflecti... Decididamente, custa-me muito que tu vás pôr na rua esse pobre diabo... Conserva-lhe o lugar... e dá-me só dez mil réis por dia. Para ti, a despesa será a mesma!...

Elevador da Gloria

Mais algumas historias de judeus: Desempregado e triste, Jacob passeava por uma rua. Ao cruzar a porta do rico joalheiro Isaac, este chamou-o carinhosamente:

— Jacob, meu irmão. Como estás desempregado, quero auxiliar-te. No meu quintal tenho uns feixes de lenha para rachar. Dou-te cinco escudos pelo trabalho. Se fosses cristão dava-te apenas três escudos.

— Então, passa para cá a diferença e manda um cristão rachar a lenha.

* * *

Estava o rico banqueiro entre pessoas importantes quando lhe appareceu uma comissão de senhoras, pedindo esmola para uma instituição de caridade.

— Senhor Elias, conta-nos com a tua generosidade.

— Pois não! — e imediatamente encheu um cheque com a importância de cinco contos de réis.

As senhoras saíram radiantes, mas dali a pouco voltavam açodadas:

— Sr. Elias... esqueceu-se de assinar o cheque.

— Oh! minhas senhoras! Quando faço um beneficio gosto de guardar o anonimato...

* * *

Após uma grande batalha, na Grande Guerra, o comandante mandou vir á sua presença Moisés, que se portara heroicamente.

— Foste um herói. O que preferes: a «Cruz de Guerra» ou mil francos?

— Quanto custa uma Cruz de Guerra?

— Cem francos!

— Então dê-me 900 francos e a Cruz de Guerra...

* * *

O automovel foi assaltado por uma quadrilha de bandidos.

— A bolsa ou a vida!

Samuel e David ergueram os braços, aterrorizados.

— Senhor chefe — diz David — dá-me licença de baixar uma das mãos?

— Dou, mas se puxas alguma arma mato-te!

David tira do bolso um pacote de notas de conto e entrega-o a Samuel, dizendo:

— Aqui tens os dez contos que te devia...

* * *

Simão pede dois mil escudos a Jeremias, que lh'os dá a 9 0/0 ao mês.

— Aceito porque estou necessitado...

Mas isto é uma extorsão! E' um roubo! A lei manda que se empreste a 6 0/0. Como és crente, devias respeitá-la...

— Não ha perigo: Jehovah olha de cima para baixo Julgará que o 9 é um 6...



A paz do sr. Kellogg...

FADO DOS BACILOS

(A Companhia das Aguas)

A BICHA!...



Quem quer bacilos fresquinhos
Bebe as aguas do Alviela,
Agua com febre tifoide
Não ha outra melhor que ela!

De entre os microbios estranhos
Que produzem mil doenças
E são as tristes avenças
De perigosos amanhos,
Ha uns microbios castanhos,
De todos os mais daninhos,
Que penetram nos caminhos
Onde as aguas correm lestras,

E onde vai, ao fazer destas,
Quem quer bacilos fresquinhos.

Quem quer microbios sedentos
Dos botes e da barriga,
Que penetram na bexiga
Sem precisão de frementos,
Microbios que são aos centos
E ao corpo fazem barreira,
Quem quer uma fartadela
De bacilo bem filtrado,
Pede um copo bem lavado,
Bebe as aguas do Alviela.

E' agua que mata a sede,
Matando quem a ingere,
Agua que mata e não fere
E borbulha na parede,
Agua que mata sem rede
Neste terrestre esferoide,
Agua de estranho alcaloide,
Agua de verdes esguichos,
Agua que tem muitos bichos,
Agua com febre tifoide.

E' bebê-la e dar á perna
Num arraganho mortal

Porque é muito mais fatal
Do que o vinho da taberna.
Misturofada moderna
Que, sem ancia nem piéla,
Nos põe fria a triste guéla,
Numa agonia pestifera,
Não ha outra mais mortifera,
Não ha outra melhor que ela!

Esculap

FOME SUNRIPE

ANEDOTAS

A' margem
dum julgamento

Quando do julgamento do nosso preso camarada na imprensa Tomé Vieira, foram contadas, entre o gaudio do publico, que era numeroso, varias anedotas sobre a missão do jornalista. A risohha testemunha Apri-gio Mafra, sempre com o seu eterno bom-humor, referindo-se a uma das suas reportagens, começou por dizer:

«Tendo o jornal onde trabalho sido informado de que, em tal data, se realizaria uma busca domiciliar para os lados da Ajuda, eu puz-me a caminho. Tratava-se da descoberta de bombas. E' claro que me imiscui com os agentes, que me tomaram como camarada. A certa altura, um deles interrogou-me:

«O senhor é agente?»
«Sou... de publicidade!» — respondi. E assisti a toda a busca.

Outra anedota do mesmo jornalista: «Um dia fui encarregado de fazer uma reportagem em Bemfica. Mais um crime para o jornal. Dirigi-me, segundo o conselho da minha consciencia, á esquadra. O chefe tratou-me com tal consideração, com tal banhomia, que chegou a confundir-me. E deu-me todos os pormenores do acontecimento. O pior, porém, foi á saída.

«O chefe — esta é de cabo de esquadra! — ao despedir-me, perguntou-me: «O senhor deve ter um intenso trabalho nas investigações, não é verdade?»

«Sim. Como jornalista, já estou suando as estopinhas — respondi.

«Jornalista? — interroga, pasmado, o chefe. — Ponha-se já lá fóra.

«E, aos encontros, fui posto em liberdade.»

Agora, tem a palavra Belo Redondo.

Conta uma das suas anedotas, que não são as ultimas:

«Um dia, a agenda do meu jornal marcou-me um serviço em Torres Novas. Para lá fui e dirigi-me ao tribunal. Passados alguns momentos, uma pobre mulher, presumindo que eu era juiz, começou por relatar um tenebroso crime — a causa da noticia. Colhi, claro está, todos os elementos para a gazeta donde era reporter e, depois, com toda a boa vontade, fui chamar o verdadeiro magistrado. Calculem, pois, a cara da mulher, quando deu pelo engano!»

E mais anedotas foram contadas, todas no sentido de dignificar a missão do profissional da imprensa.

Foi, na verdade, uma tarde bem passada no velho casarão da Boa Hora.

I. N.



— Sinto-me «antilizado» de «bentura» quando a menina está ao meu lado...

— Cala a boca «Jaquim»; bem sabes que eu não gosto que me digas «amoralidades».

FUMES SUNRIPE

COISAS DOS NOSSOS TEMPOS

UM SUICIDIO A' SECULO XX

O nosso amigo Tobias era um pobre diabo que se ocupava a dar lustro ao casaco de encontro ás paredes dos estabelecimentos da Rua do Ouro, Chiado e ilhas adjacentes.

Ha muito que sofria duma doença exquisita, propria dos ricos que, como ele, se fartavam... de não fazer nada.

Consultou varios medicos e todos receitaram varias drogas e injeções, atribuindo a doença a causas diversas! Mas nem assim experimentou algumas melhoras!

— Estava farto da vida! — dizia ele aos seus amigos. Esta aborrecia-o e havia de se matar, se bem que com isso lhes desagradasse!

E sempre com esse fito, procurava a maneira de pôr em pratica o seu macabro projecto!

Mas como? Eis a questão!

Depois de aturadas noites de vigilia e de ter considerado que o enforcamento lhe dava um ar de criminoso condenado á morte e que o tiro nos ouvidos era coisa já muito banal, resolveu dar um banquete e no fim d'ele suicidar-se, deltando, sem que ninguém suspeitasse, uma dose de cianeto de potassio na taça de champagne que beberia quando tizessem o brinde... á sua saude!

Esta ideia encantou-o! Achou «fino e original» e lembrou-lhe dessas excentricidades dos americanos que a Havas tantas vezes nos transmite com aquela veracidade proverbial!

.....

Chegou o dia do banquete!

Preparou tudo conforme imaginara e quando todos, de pé, lhe fizeram o brinde, ergueu-se devagar e vazou dum trago o champagne e o veneno!

Esperou um minuto, dois... cinco... sete... dez... e nada! Fez-se amarelo, vomitou e os convidados pegaram nele, meteram-no num taxi, que o levou ao hospital.

Fizeram-lhe a lavagem do estomago,

go, escapou e foi enviado a juizo por atentar contra a propria existencia.

E apurou-se que o cianeto estava falsificado!

Isto ainda mais o espicou e resolveu matar-se, precipitando-se dum 5.º andar para a rua! Chegou á janela, pôs-se em pé no peitoril, despediu-se da terra e da vida e, quando se ia a atirar, sentiu-se preso por uma mão de ferro!

Um seu amigo que o vinha visitar, conhecedor da sua mania, salvou-o a tempo daquela desgraça!

Entretanto, a sua ideia fixa continuava e sem cessar procurava a morte de todos os modos! Deixou-se de preconceitos e tentou enforcar-se.. A corda partiu!

Quiz dar um tiro em si — apesar da banalidade... — mas lembrou-se que conseguir hoje uma arma é mais difficil que perceber as teorias de Ernst, e ainda estaria vivo se aquela ideia diabolica e brutal não lhe vem á lembrança!

Foi o caso de se ter recordado das campanhas do Seculo contra o pão, do Diario de Lisboa contra o leite, e as de outros jornais contra o assucar e manteiga, os quais não hesitavam em classificar esses alimentos como verdadeiros venenos!

E como outr'ora o sabio, proferiu o seu «Eureka» fatal!

Mandou comprar esse generos e dispôs-se a almoçar.

Deitou o leite no copo, adoçou-o com assucar escuro e foi-o tomando acompanhado dumas fatias de pão baradas com manteiga! Acrescentou a isto um copo d'agua da torneira da cozinha, que devia ajudar a acabar com a vida!

Feito isto, pôs o gramafone a tocar a «Marcha Funebre» de Chopin, sentou-se num «maple» e dez minutos depois era cadavre!

Mario Augusto



— Parecem irmãs siamezas; andam sempre tão coladas ...

— Sempre não, mas sempre que para isso tem oportunidade.

Como se aprende francez

Os franceses tem, como é natural, especialidades na sua lingua.

Por tal, fazem distincão entre o seu, *vosso*, e o seu, *d'ele*, a que chamam *lár* por causa das confusões.

Antes de mais nada: não sei se os meus meninos já ouviram um policia a falar francez. Ora, é assim como eles, tal qual, que eu quero fiquem falando.

Vamos, por isso, á nossa terceira lição, continuando na construção de varias frases.

Exemplos:
A mesa é minha — *La table est de ge.*

Chove? — *Chove til?*

Faz favor — *Cite vupté.*

Maria e Antonio casaram — *Mari y Antudne se hão marié.*

Façamos agora a construção duma carta... de credito amoroso.

«Menina Maria: Quando tive o prazer de a ver ontem, no jardim, senti melhor, mal os meus olhos a viram, que a amava. O meu coração batia como uma tampa duma panela de agua a ferver.

Só peço agora á menina que me não dê com a tampa porque estou a ferver de amor por si.»

Em francez:

«*Mã Demuzele Marie — Ça ge tive le plaisir de vos regardé honte ó gardá ge santé, midr, mal sués id vos hão vu ge santé que lá m é.*

Mon cör batt cöme la tampe dá pó dõ fervante.

Ge pri apéne que vu ne me donés pó aveque la tampe pur isse que ge ferv damur pur vos.

Na proxima e ultima lição darel aos meus meninos outras explicações porque, não é demais repetir, muito me agradará que os meus queridos alunos, quando este curso acabar, não fiquem sabendo coisa alguma de francez.

Dr. Grandunças.

As capas
do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda, na nossa administração, as capas do "Sempre Fixe" primorosamente illustradas por Francisco Valença.

Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 40\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correio.



— Parece-me que V. Ex.ª engordou?
— Não sei. Só lhe digo que morreu a minha sogra.

DESPORTOS

ENSINAMENTOS DAS CRITICAS DESPORTIVAS

A leitura das criticas dos desafios de foot-ball é, em certos casos, muito mais interessante e divertida do que os proprios desafios.

Senta-se a gente num bom maple. Manda vir o chocolate e as torradas da manhã. Puxa da pagina desportiva dum grande diario... e gosa inefavelmente...

«O ataque casapiano perdeu um dos melhores elementos e com ele a sua natural eficiencia. O grupo ressentiu-se moralmente e não pode crescer...»

Realmente, como poderia crescer uma coisa que acaba de passar de 11 para 10?

«...estava provada a ineficacia dos componentes do compartimento avançado do Casa Pia.»

Compartimento avançado? E' logico concluir que o goal-keeper actua em compartimento recuado... e reservado. E teremos pois os guarda-rédes a trabalhar com autoclismo.

As criticas passarão a ser feitas nestes moldes: a bola salu da antecâmara e meteu pelo corredor dos half-backs. Na sala de visitas adversaria houve uma hesitação e o arbitro, instalado no mirante, mandou sacudir as passadeiras. E sem que a defeza da cosinha pudesse intervir, a bola entrou na sala de jantar.

Na mesma critica, se chama aos do Casa Pia ex-negros e aos de Palhavá ex-imperiais. E', de certo modo, aquele estribilho: o fado que fôste fado, o fado que já não és...

Os do Sporting, está averiguado que são ex-leões. O Carcavelinhos será o ex-rapa-tira-pão, e deiza. Os do Bemfica são ex-Cosmicos. E o Bom-Sucesso poderá chamar-se ex-détil.

vance. Os outros, como diria o Belo Redondo, serão os ex-aquo...

Para terminar com esta chachina, citarei apenas mais este lugar selecto, tão sublime que dispensa comentário:

«No Bemfica notou-se principalmente o não ter sabido tirar partido do nevoeiro.»

A televisão faz formidaveis progressos e, dentro de pouco tempo, poderemos ver a distancia, por sem-fios, como actualmente ouvimos a distancia.

Entretanto, eis uma primeira realização que nos interessa duplamente, porque é uma manifestação desportiva.

Um tal doutor Roberts conseguiu

afinar um aparelho, o telemotion, que, colocado sobre um projector de cinema, permite dar sobre um écran uma scena que se passa a muitos quilometros de distancia. Projectou assim um match de foot-ball que se realizava a mais de seis quilometros...

Isto vai trazer uma certa perturbação nos nossos habitos e... nas receitas...

Mas que vantagem para os jornalistas encarregados da critica...

Na historia do manque à gagner exigido pelos jogadores que foram a Paris, tem sido muito interessante a attitude do Diario de Noticias.

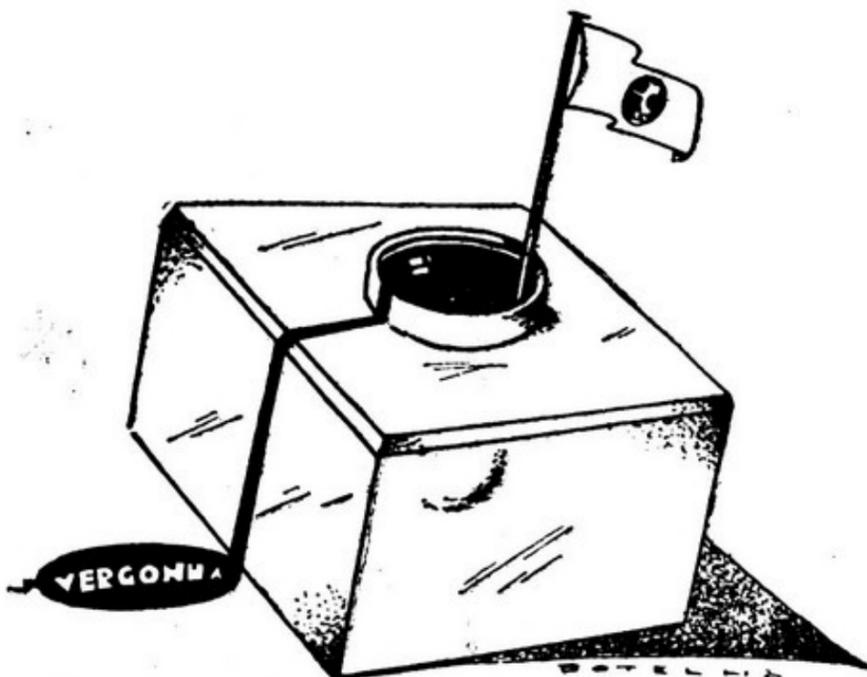
Começou, no dia 10, por afirmar que o Comité Olimpico discordava das indemnizações aos jogadores.

No dia 17, dizia que as subvenções são hoje coisa aceite em toda a parte e até pelo Comité Olimpico Internacional.

No dia 18, desdiz o publicado na vespera, em duas extensas columnas, donde recortamos esta explicação tão tortuosa, que dir-se hia construída com lasquinhas de chifre:

«A afirmação, nos termos em que saiu publicada, e contradizendo, como contradiz, o espirito da noticia de segunda-feira ultima e até o proprio comentario de Mr. Rimet, podia traduzir uma incerteza e variedade de opinião se não viessemos hoje a publico repôr tudo quanto ficou indicado na ultima segunda-feira e explicar que só um lapso pode ter dado lugar à afirmação de ontem.»

E' como que uma segunda edição do caso do Banco Lisboa & Açores...



Maquette... da nova séde do Sporting Club de Portugal — na orientação do novo edificio, as costas ficam viradas para os ares de Santo Amaro-Bom Sucesso. — Nota do architecto.

FUMEE SUNRIPE



Apontamentos do passeio de automobilistas promovido pela Comissão Sportiva do Automovel Club

ECOS DA SEMANA

A BORDO DO NI ASSA CHE-
GARÁH OS AVIADORES PORTUGUESES
MUITOS ENIS-CO-
ZAPDES



BEM DORTU
UM TIPO UNICO DE DÃO
CONSTA QUE OS
OUTROS TIPOS QUE
O MANIPULAM NÃO
GOSTAM DA BRINCADEIRA

GAL VAI HAVER



VERDUN.. OU NÃO VERDUNIZA-SE
A A GUA DA COMPANHIA - AQUELE QUE PARECE OS
MICROBIOS DO TIFO EM REUNIÃO MAGNA RESOL-
VERAM, POR UNANIMIDADE, ATACAR OS RICACOS



POR SABEREM QUE OS POBRES NÃO
TEEM MASSA PARA COMPRAR A VACINA -
BEM HAJA A ATITUDE DE TÃO NOBRES MICROBIOS

PARA SATISFAZER AMBAS AS PAR-
TES (ACOMANTES QUESTRAR QUE TORCER)
RESOLVEU-SE DIVIDIR O BANCO AO MEIO
FICANDO:
BANCO LISB / 48 E AÇORES



ENTRE A MULTIDÃO
VEEM-SE VÁRIOS
ACORDADOS A LA
OMINUTE

UM SONHO QUE ME DEU ESTA

NOITE - COMO VEM NÃO FOI MAU DE TO-
DO - QUANTO AOS 5.000
CORTOS NÃO VALE APEN
PUSH-LOS PORQUE LA
DIZ JULIO BANTAS: A
MELHOR SORTE GRANDE
É A QUE NUNCA SE ENCA
ATER



APARECERAM NOS
CANDIEIROS DA CIDA-
DE DE UMAS PLACAS DE
CARACTERE TRISTE-
TORIO -

BOLÍVIA - PARAGUAI - VAI
NESTES DOIS PAÍSES UMA GRANDE CONFUSÃO DE
NARIZES - CUBA E OUTRAS NAÇÕES VÃO SERVIR
DE MEDIANEIRAS EXCEPTO O PERU POR IR A DE-
GOLA NO PROXIMO DIA 25 -